



No Centro nº 2, em Ceilândia, o policiamento de dia não é suficiente

Insegurança retorna com fim da greve nas escolas

O fim da greve dos professores da Fundação Educacional devolveu às escolas públicas da Ceilândia uma rotina de deficiências crônicas cuja maior expressão são os furtos, assaltos e agressões a alunos, docentes e funcionários, ocorridos graças à inexistência de policiamento regular nos estabelecimentos. O assunto foi objeto de uma série de matérias publicadas no CORREIO BRAZILIENSE ainda no início deste semestre letivo e voltou ao noticiário com o arrombamento ocorrido anteontem no Centro de Educação para o Trabalho, na Ceilândia Sul.

Os ladrões levaram quatro máquinas de escrever, num episódio isolado que é na verdade uma amostra reduzida desse quadro problemático. A ausência de medidas repressivas obriga professores a contratar, às suas expensas, vigias para impedir roubos nos seus automóveis e favorece o surgimento de casos pitorescos que juntam um pouco de folclore ao painel de violências que infestam o cotidiano das escolas.

No Centro Educacional nº 3, na Ceilândia Sul, o encarregado do turno noturno teve que recorrer, segunda-feira passada, aos "marginais que são alunos da própria escola" para afastar um grupo de quatro indivíduos que rondava ostensivamente o prédio, com intenções consideradas bem pouco benévolas. "Eles ficaram rondando a escola, nós chamamos a polícia por volta de nove horas, mas não apareceu ninguém até dez e meia. Então, nós apelamos para os marginais que são alunos da escola, que encararam o grupo e os caras desapareceram", contou ontem o professor Evilásio Geurra.

Os marginais da escola, segundo ele, não representam nenhum problema para o estabelecimento: "Nós sabemos que eles são assim, mas não criam problemas aqui. Pelo contrário, em situações como esta até ajudam". Antes do fim da greve, o alvo principal dos marginais eram os carros dos professores: "Uma vez os caras chegaram a arrastar revólveres para o vigia dos carros, que é pago por nós. Na escola só há um vigilante, o que não basta para garantir a segurança de todas as áreas".

A diretora do Centro, Maria da Consolação Andrade, ressalta que as iniciativas para tentar assegurar o policiamento regular no estabelecimento não trouxeram resultado satisfatório: "Nós chegamos a entregar um abaixo-assinado ao próprio governador, na festa de aniversário da



Evilásio e Maria Rita, do Centro nº 2: insegurança aterroriza as escolas

Ceilândia, encaminhado pelo Grêmio Estudantil. Mas a situação continua a mesma: os policiais aparecem de vez em quando".

A insegurança atinge proporções maiores no turno da noite, freqüentado por 1 mil 150 alunos de 1º e 2º graus e no qual trabalham cerca de 50 professores. A diretora explica que os dias preferidos pelos marginais são segunda e sextas-feiras, por razões que desconhece. Essa ronda continua não chega a interferir na assiduidade dos alunos, acrescenta a diretora, graças ao jogo de cintura exercitado pelos professores: "Esses caços não afastam os alunos da escola porque os professores

evitam informar aos alunos sobre o que está se passando lá fora".

No Centro Educacional nº 2, na Ceilândia Norte, os casos de violência são mais constantes e os reflexos na assiduidade dos alunos apontam para níveis preocupantes de evasão. E o que confessa a diretora da escola, Maria Rita Assunção, embora sem mencionar números: "O índice de evasão é muito alto. Nós temos reclamações constantes das mães, que tiram os filhos da escola com receio de que eles sofram alguma violência".

A inexistência de policiamento regular induz os marginais a lances espetaculares,

como apalpadelas nas alunas durante as aulas de Educação Física, na quadra da escola. Com as reações do professores, acrescenta a diretora, surgem brigas que tumultuam o ambiente e prejudicam o desenrolar das atividades: "A quadra fica completamente exposta e os professores correm risco de vida porque são forçados a fazer o que a polícia deveria fazer. Os marginais chegam a levar cachorros, além de armas como facas e revólveres". Os furtos de componentes de automóveis — antenas, por exemplo — são uma constante, o que levou os professores a se articular para contratar um vigia para o estacionamento. A idéia é encarada como única solução contra os furtos. Nesse quadro à vontade com que os marginais se movem, não faltam assaltos a pessoas e roubos de equipamentos das escolas.

"Nós estamos hoje sem água nos banheiros", explicou Maria Rita, "porque roubaram a bomba da caixa d'água. E é a segunda vez, somente neste semestre, que isto ocorre". A diretora diz que os apelos são constantes, tanto aos organismos da Secretaria de Educação quanto ao Batalhão da Polícia Militar na cidade para que o policiamento seja feito regularmente, com ênfase nas áreas externas da escola: "A gente pede, mas a situação continua a mesma. No período da greve, por exemplo, quando não havia nem alunos e nem professores na escola, havia policiamento constante".